



INTER-RELAÇÕES ENTRE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: A EDUCOMUNICAÇÃO NAS PRÁTICAS SOCIAIS E NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Ademilde Silveira Sartori¹
Rafael Gué Martini²

Universidade do Estado de Santa Catarina - Centro de Ciências da Educação
Direção de Pesquisa e Pós-Graduação - Programa de Pós-Graduação em Educação.

Resumo: Com o desenvolvimento e uso das tecnologias, está se tornando vital o sentimento de conexão às redes de informação que formam os múltiplos ecossistemas de comunicação. No entanto, além do sentimento, é fundamental a perspectiva de formação e de oportunidades que este ‘estar’ ou não conectado implica. Paulo Freire chama atenção para o aspecto humanista no qual deve ser inspirado todo o processo de comunicação. As idéias de educação dialógica de Paulo Freire e a educomunicação de Mario Kaplún servem de arcabouço teórico pra a discussão deste artigo que gira em torno do desenvolvimento de práticas comunicacionais educativas e da educação dialógica na educação a distância.

Palavras-chave: Educomunicação; Ecossistemas comunicativos; Comunicação Dialógica ; Educação a Distância

Crear la caja de resonancia que transforme al educando en comunicador y le permita descubrir y celebrar, al comunicarla, la proyección social de su propia palabra”.

Mário Kaplún.

A imersão social no universo das mídias cria um imaginário que distancia a comunicação da realidade mais próxima dos indivíduos. A capacidade de “comunicar” é mitificada, sendo relacionada com os veículos de massa. Se perde a noção de que a comunicação é um elemento intrínseco das relações ecossistêmicas (GUTIÉRREZ, 2005). Atualmente muito se fala sobre as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) e seus grandes benefícios para a sociedade, principalmente na facilidade de acesso ao conhecimento humano. No entanto, a existência das tecnologias não garante experiências comunicativas capazes de melhorar o nível de compreensão

¹ Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Coordenadora da UDESC Virtual, Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

² Mestrando em Educação, Linha de concentração Educação, Comunicação e Tecnologia pela UDESC. Jornalista com atuação na área socioambiental, associativa e empresarial, fotógrafo de audiovisual e iluminador profissional na área de EAD, televisão e teatro.



dos indivíduos sobre a realidade – o que caracterizaria a promoção da cidadania. Por isso, muito mais que a competência instrumental para a operação dos novos meios, é necessária a reflexão consciente sobre as “mediações” que ocorrem nos ecossistemas comunicativos. Numa analogia ao conceito biológico, o ecossistema comunicativo compreende a dinâmica de inter-relacionamentos existentes em grupos e organizações e entre indivíduos. Esta trama de relacionamentos é mediada pelas tecnologias e meios de comunicação, mas é também constituída por diversas “linguagens, representações e narrativas que penetram na vida cotidiana de modo transversal” (SARTORI ; SOARES, 2005).

Segundo Ismar de Oliveira Soares (2002), foi Jesus Martín-Barbero quem introduziu o debate sobre este novo conceito de ecossistema comunicativo. Este novo *locus* comunicacional estaria alicerçado em duas novas dinâmicas surgidas nas sociedades contemporâneas: a incidência contínua dos meios tradicionais e o impacto das NTIC na vida cotidiana. Para Martín-Barbero os ecossistemas comunicativos estão se tornando tão estratégicos e vitais como o ecossistema ambiental.

Por isso, mais que o uso das tecnologias, está se tornando vital o sentimento de conexão às redes de informação que formam os múltiplos ecossistemas de comunicação. No entanto, além do sentimento, é fundamental a perspectiva de formação e de oportunidades que este ‘estar’ ou não conectado implica. É visível o desnível relacionado às diferenças de acesso e compreensão da informação disponível nas redes virtuais, tanto entre pessoas quanto nas organizações. Como resultados, se verificam diferenças também na capacidade das pessoas e organizações em agir e reagir de forma a usufruir dos benefícios alardeados pela evolução tecnológica (SOARES, I. *op. cit.*).

Atualmente, passamos por um momento no qual a tecnologia, e conseqüentemente a ciência, é glorificada e temida, pois tem acelerado cada vez mais as transformações econômicas e geopolíticas do mundo. Na descrição destas mudanças se repetem frases sobre a perda da solidariedade e da confiança, a quebra dos laços sociais, a crise de ‘valores’ ou o desencanto quanto aos ideais de desenvolvimento econômico, social e humano. Os meios de comunicação são os grandes promotores destas imagens negativas, divulgando diariamente informações sobre a deterioração das condições de vida e a marginalização de milhões de seres humanos. Com facilidade somos levados da curiosidade ao assombro, do entretenimento e dramatização ao horror e, finalmente, a uma apatia e sentimento de impotência, permanentemente saturados de informação. Neste processo, não percebemos que esta saturação pode ser uma estratégia de



desinformação (VIZER, 2003). Envolvidos nestes estímulos, não percebemos as mudanças que nos cercam e nos desligamos dos conceitos de cidadania que são capazes de nos fortalecer em nossa identidade coletiva. Mergulhamos no ecossistema comunicacional global e deixamos de lado o interesse pelo ecossistema comunitário local. Uma situação agravada pelo fato de que, na realidade dos ecossistemas comunicativos, as NTIC:

não estão restritas a uma vontade dos agentes e usuários, mas dependem, na formação para a sua utilização, das condições educacionais, culturais e econômicas que os mesmos detêm no acesso a este bem tecnológico, à capacidade intelectual no manejo do recurso, e das oportunidades existentes em seu cotidiano. (WANDERLEY, 2006, pág. 153)

Os ecossistemas, por sua vez, são construídos intencionalmente e dependem da vontade política dos sujeitos em organizar o ambiente, disponibilizar recursos, optar por um modo de se comunicar e desenvolver um conjunto de ações que vão determinar uma prática específica de comunicação. Uma instituição pode comportar e se relacionar com vários ecossistemas comunicacionais, formando um ambiente que é também educacional, considerando o fluxo de informação e conhecimento que circula nesta ampla rede de relacionamentos (SOARES, I. *op. cit.*).

A Educomunicação, que se situa na área de intersecção entre os campos da comunicação e da educação, nasceu justamente no âmbito dos movimentos populares e das Organizações Sociais orientadas por valores, ditas do Terceiro Setor. Seus conceitos são o fruto da experiência prática de educadores-comunicadores populares como Paulo Freire e Mário Kaplún. Um fato que justifica, em grande parte, o uso deste conceito (que tem sido sistematizado como campo) no espaço associativo - que pode ser considerado seu ambiente de origem.

Educomunicação no fortalecimento local

Ao falar do contexto de mundialização da cultura sob a ótica da comunicação, Martín-Barbero assinala que

Não é possível habitar no mundo sem algum tipo de *ancoragem territorial*, de inserção local, já que é no *lugar*, no território, que se desenrola a corporeidade da vida cotidiana e a temporalidade [...] da ação coletiva, base da heterogeneidade humana e da reciprocidade, características fundadoras da comunicação humana, pois, mesmo atravessado pelas redes do global, o *lugar* segue feito do tecido das proximidades e das solidariedades (2003, p.58 e 59).



Por isso este autor atribui dois sentidos ao local. Um que resulta da fragmentação produzida pela invasão do global e outro de resistência, caracterizado pela auto-revalorização como direito à autonomia de gestão e à memória própria (ligados a construção da identidade). Estes novos sentidos do local são totalmente compatíveis com o uso das NTIC, pois estas possibilitam o encontro das multidões e das minorias nas redes que, originalmente virtuais, podem posteriormente se territorializar, “passando da conexão ao encontro e do encontro à ação” (MARTÍN-BARBERO, *op. cit.*, p.59). Este é um dos aspectos que coloca em jogo a visão da globalização da comunicação apenas como um processo de homogeneização cultural. Ela pode ser também um agente de promoção da diversidade. Mas para que isso ocorra há a necessidade de superar a tendência que temos de associar o conceito de comunicação aos meios de comunicação de massa, como bem observam Ademilde Sartori e Salette Soares (2005), ao falar da concepção dialógica e das NTIC as autoras escrevem que:

Tão importante quanto estudar e refletir sobre a comunicação intransitiva, centrada nos dispositivos de que se valem os media, é investigar as possibilidades contidas na comunicação transitiva, proporcionada por complexas redes interpessoais. (SARTORI ; SOARES, S., *op. cit.*, p.04)

No entanto, para estudar esta comunicação associada aos vínculos interpessoais é necessário desconstruir o imaginário criado pelos meios de massa. As mensagens veiculadas em massa são orientadas comercialmente para a persuasão, através de uma linguagem enfática própria da propaganda. Essa linguagem midiática está intimamente ligada aos conceitos vigentes de comunicação, cuja ênfase está no conteúdo (bancária) ou nos efeitos pretendidos (persuasiva) (KAPLÚN, 1996).

Percebe-se que, anterior à questão do uso dos meios, está a correta definição da comunicação que possa facilitar os processos de desenvolvimento cognitivo pessoal e as práticas de intercâmbio social. Acredita-se que seja possível lograr êxito neste processo em ambientes sociais menos amplos, onde se exercite a comunicação grupal, mais local e próxima aos seus interlocutores. Não se trata de desprezar a mídia convencional, mas entender que “*el medio masivo y el medio grupal son complementarios y el resultado educativo óptimo se logra por la adecuada combinación de ambos*” (URIBE 2005, p. 80). Como a comunicação midiática tem uma tendência massificadora, é preciso discutir com os sujeitos a necessidade do fortalecimento dos vínculos locais, objetivando equilibrar o paradoxo global/local.



Resolver a equação da vida equilibrada envolve muitas áreas do saber. Viver, com certeza, é a experiência máxima de transdisciplinaridade. No caminho da transdisciplinaridade os tipos de saberes a serem integrados não são o mais importante, mas sim a forma como se comunicam nas diversas dimensões da trama da vida. Como reflete Gutiérrez (2005, p. 137) “*no hay diferencia cualitativa profunda entre comunicar, aprender y vivir. Son formas diferentes y ¿tal vez complementarias? de aproximarse al mismo proceso*”. Para Mário Kaplún, exercitar a cidadania é “conhecer a comunidade para a qual se trabalha, sua cultura, seus códigos, seus costumes e seus gestos” (apud SOARES, R., 2005, p. 109). Valorizar a vida de cada indivíduo de uma comunidade é reforçar a cidadania para que todos saibam como comunicar suas experiências da maneira mais produtiva.

A prática comunicacional dialógica: os Emirecs

Segundo Venício A. de Lima, Freire definiu “a comunicação como situação social em que as pessoas criam conhecimento juntas, transformando e humanizando o mundo, em vez de transmiti-lo, dá-lo ou impô-lo” (2004, p.62). Para Freire o homem é “um ser de relações”, que se desenvolve por meio do diálogo constante, porque quem está no mundo, está “com”. Por isso, para haver produção de conhecimento, é necessário pensar “com”, que é bem diferente de pensar “sobre”. “Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade” (FREIRE 1977, p. 43).

Esta esperança de emancipação dos sujeitos por meio da comunicação é fundante da idéia de que todos tem o direito de se comunicar, está na base do exercício da cidadania. Isto porque “se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens” (FREIRE, 1987, p. 78).

Ao emitir uma mensagem em diálogo, o cidadão toma consciência de suas idéias, de seus pensamentos, criando coragem de admiti-los. Ao fazer isto está se colocando no mundo, criando o mundo e definindo quem é. Freire chama atenção para este aspecto humanista no qual deve ser inspirado todo o processo de comunicação, através do qual “fazendo e refazendo as coisas e transformando o mundo, os homens podem superar a situação em que *estão sendo* um quase *não ser* e passar a ser um *estar sendo* em busca do *ser mais*” (1988, p. 74).



Este conceito de comunicação possui uma conotação educativa. Nascido e aplicado nos espaços não-formais de educação, como as comunidades rurais e eclesiais de base, inspirou outros pensadores que, como educadores/comunicadores promoveram a prática da cidadania através do exercício do direito de dialogar, de se comunicar. Um destes pensadores é o uruguaio Mário Kaplún, que trabalhou pelas comunidades populares da América Latina. Ele também foi o pesquisador que criou o termo educomunicação, como expressão da necessidade de sintetizar os campos da educação e da comunicação. Foi um profissional que dedicou sua vida à promoção da aprendizagem popular informal – voltada à educação para a cidadania ativa e com foco no local.

Educar e comunicar são verbos que andam juntos. Kaplún (1996, p. 17) afirma: “*A cada tipo de educación corresponde una determinada concepción y una determinada práctica de la comunicación*”. Para o autor, a separação destas práticas ocorreu a partir do surgimento dos meios de comunicação de massa, quando o aspecto integrador da comunicação se perdeu na massificação dos conteúdos. O conceito de comunicação passou de promoção do diálogo para sinônimo de difusão de informação e conhecimentos. Essa mudança deturpou o sentido epistemológico original do termo. Comunicação deriva da raiz latina *COMMUNIS*: por em comum algo com outro. “*Es la misma raíz de comunidad, de comunión; expresa algo que se comparte: que se tiene o se vive em común*” (KAPLÚN, M. 1996, p. 64).

Segundo Roncagliolo, estas novas concepções divulgadas na década de 60 representaram

una reducción de la comunicación humana - concepto que implica reciprocidad - en favor de la información y la difusión: esto es, de todas las formas modernas de imposición de los transmisores sobre los receptores, a las que continuamos llamando erróneamente comunicación de masas. (RONCAGLIOLO apud KAPLÚN, M., 1996, p.65)

Kaplún destaca que o modelo do gráfico proposto na horizontal (Emissor – Meios – Receptor) está “mascarando” o processo, pois este esquema representa a forma mais vertical e autoritária possível de transmissão de conhecimento. Pode-se fazer uma analogia deste modelo de comunicação com a definição de “educação bancária” criticada por Paulo Freire.



Fig. 1 - Modelo bancário de comunicação

Assim como no ensino, a comunicação “bancária” deposita a informação no receptor, apostando em sua ignorância e não em sua capacidade de reflexão. Este é um modelo exógeno que dá ênfase ao conteúdo. Kaplún esclarece:

El emissor es el educador que habla frente a un educando que debe escucharlo pasivamente. O es el comunicador que "sabe" emitiendo su mensaje (su artículo periodístico, su programa de rádio, etc.) desde su propia visión, con sus propios contenidos, a un lector (u oyente o espectador) que "no sabe" y al que no se le reconoce otro papel que el de receptor de la información. Su modo de comunicación es, pues, el MONOLOGO. (KAPLÚN, M., 1996, p. 24, grifo do autor)

Freire cita o pensamento de Eduardo Nicol, que defende que “a intersubjetividade ou a intercomunicação é a característica primordial deste mundo cultural e histórico” (NICOL, 1965, *apud* FREIRE, 1988, p. 65). Por este motivo, às relações gnosiológicas, lógicas e históricas, que são constitutivas do conhecimento, Nicol acrescenta uma quarta: a dialógica. O que faz Freire afirmar que “não há, realmente, pensamento isolado, na medida em que não há homem isolado (...) O mundo humano é, desta forma, um mundo de comunicação” (1988, p. 66).

Outro modelo de comunicação exógena, muito comum na nossa sociedade atual, é o que enfatiza os efeitos. Sua base psicológica é a teoria behaviorista. Sua expressão máxima foi manifestada no projeto de extensão rural, que logrou promover a mudança de hábitos agrícolas tradicionais da América Latina para o modelo de agronegócio mecanizado, promovido pelas indústrias norte-americanas. Este processo de imposição cultural foi discutido por Freire (1977) a partir da experiência chilena e suas reflexões foram explanadas no livro “*Extensão ou comunicação?*” no qual o autor problematiza o



antagonismo entre o tradicionalismo e o messianismo tecnicista, presente no processo de mecanização do campo e, analogamente, podemos dizer também no processo de “mecanização” do diálogo, através da rede de computadores. Para ele, neste conflito, o correto é centrar-se no desenvolvimento, cujo ponto de decisão deve se encontrar no ser que se transforma, na comunidade. O erro ou equívoco do messianismo tecnicista

É desconhecer que o tempo em que gerações viveram, experimentaram, trabalharam, morreram e foram substituídas por outras gerações que continuaram a viver, experimentar, trabalhar, morrer, não é um tempo de calendário. (FREIRE, 1988, p. 59)

Segundo Venício A. de Lima (1996) esta obra juntamente com o capítulo III de “Pedagogia do Oprimido” (FREIRE, 1987) fundamentam um modelo teórico para o estudo da comunicação como Diálogo. Ao discutir o significado semântico do termo “extensão”, dentro do projeto de modernização rural patrocinado pelo governo do Chile, Freire argumenta que se trata de uma estratégia para persuadir os camponeses a aceitar a propaganda da indústria agrícola, para aplicar suas técnicas e, conseqüentemente, comprar seus insumos. Esta forma de propaganda, que pouco tem a ver com a verdadeira comunicação, está alicerçada no processo de estímulo-resposta, no hábito da recompensa, na noção de que educar é gerar hábitos e na fuga do conflito. Também faz parte da estratégia deste modelo rotular de pré-conceituoso, ignorante ou atrasado todo aquele que não aceita seu discurso.

Amplamente difundida na década de 60, esta forma de comunicar foi referida por Kaplún, que transcreve a definição publicada em um manual de extensão agrícola da república de Costa Rica onde

El comunicador es una especie de arquitecto de la conducta humana, un practicante de la ingeniería del comportamiento, cuya función es inducir y persuadir a la población a adoptar determinadas formas de pensar, sentir y actuar, que le permitan aumentar su producción y su productividad y elevar sus niveles y hábitos de vida. (RAMSAY et al. 1975 apud KAPLUN 1996, p.32)

Como se observa, esta é a tática mais utilizada pela propaganda, cujo motor é a persuasão. Ela quer que o receptor faça o que está sendo dito. Como elemento novo, esta proposta extensionista acrescentou a noção de *feedback*, um mecanismo de retorno do receptor para comprovar a obtenção da resposta desejada.

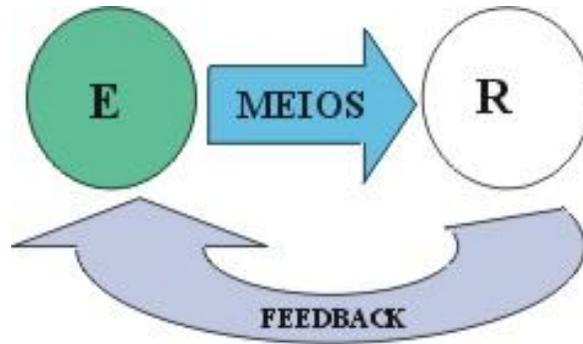


Fig. 2 - Modelo de comunicação persuasiva

Kaplún entende estes dois casos, a comunicação bancária e a persuasão, como clássicos exemplos da transmissão unidirecional de mensagens através do monólogo - que parte sempre do emissor. Para o autor, esta prática “*está firmemente implantada en la sociedad e internalizada en el tejido social*” (Kaplún, 1997, p. 1). Estas práticas típicas dos meios de massa, que têm sido chamadas de Comunicação, vêm distanciando cada vez mais as pessoas de seu sentimento de partilha, de pertencimento a uma comunidade, de comunhão. Por conseqüência, há cada vez mais informação e menos formação, menos conhecimento sendo aplicado coletivamente para um fim comum. As dificuldades de entender outro conceito de comunicação e aceitar que esta prática é um direito que nos assiste, tem suas raízes no embasamento de nossa identidade comunicativa em correntes européias e norte-americanas, que nada tem haver com a identidade latinoamericana, singular e multifacetada.

Mário Kaplún, em sua prática, fez mais que pensar a comunicação educativa como um espaço específico. Ele foi além deste ponto, defendendo a necessidade de pensar o caráter educativo de toda a comunicação. Seu objetivo sempre foi o de potencializar emissores capazes de interferir nos processos de comunicação a partir da base, consolidando uma postura de *interlocutores* e não de meros *locutores* entre os profissionais da comunicação (KAPLÚN, G. 2006, pág. 37). Mário Kaplún propôs um modelo dialógico capaz de romper a dicotomia emissores X receptores para construir o conceito de emissores-receptores, ou “EMIRECS”³. Ele não deixou de defender que é imprescindível pensar nos produtos comunicacionais, mas é também essencial refletir constantemente sobre os processos de comunicação onde estes produtos são gerados.

³ Um conceito originalmente proposto pelo canadense Jean Cloutier, em seu livro “La Communication Audio-éscripto-visuelle à L’heure des Self-media” de 1973, que é referido no artigo de Gabriel Kaplún (2006) e também no livro de Mário Kplún (1996).

Também argumentou que todo o processo de comunicação envolve a educação, porque educar-se é envolver-se em múltiplas interações comunicativas. Por isso, um sistema será mais educativo se conseguir colocar à disposição dos educandos uma trama mais rica de fluxos de comunicação (KAPLÚN, M. 1992 apud URIBE, 2006). Nesta perspectiva, de que aprender e comunicar são componentes de um mesmo processo cognitivo, Mário Kaplún propôs um esquema para a comunicação onde estes componentes são simultâneos e se necessitam reciprocamente:

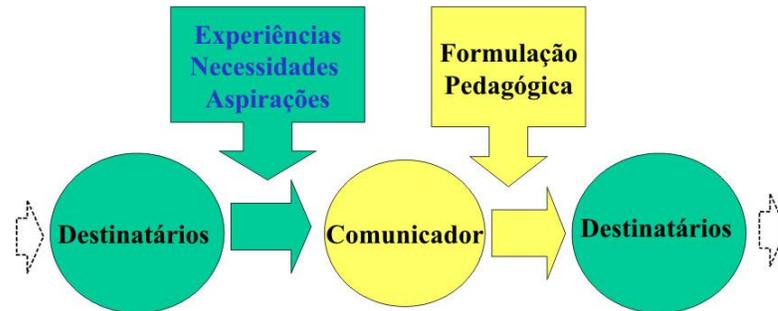


Fig. 3 – Processo de Educomunicação

Observando o diagrama, vemos que o Comunicador vai escutar o relato das experiências pessoais e práticas dos destinatários (Emirecs) para, após a formulação pedagógica (semântica que reforça a aproximação com a educação) retornar à eles suas próprias vivências e problemáticas, incentivando a reflexão através da objetivação coletiva do conhecimento subjetivo. Assim, a função do comunicador é a de propor discussões, encaminhar questões e organizar dinâmicas de grupo, promovendo a formulação pedagógica dos conteúdos discutidos, problematizando e colaborando com a sensibilização para o pensamento crítico.

Além desta característica educativa, reconhecendo a relevância de todos os envolvidos no processo da comunicação, Kaplún sugeriu "*partir de la gente*", definindo a primeira etapa de seu esquema comunicativo como pré-alimentação (*feed-forward*), numa crítica ao conceito behaviorista de retro-alimentação (*feedback*), próprio da comunicação persuasiva com ênfase nos efeitos.

Proponemos llamar pre-alimentación a esa búsqueda inicial que hacemos entre los destinatarios de nuestros medios de comunicación para que nuestros mensajes los representen y reflejen. Por ahí comienza y debe comenzar un proceso de comunicación popular. (KAPLÚN, M. 2006, p.101)

Baseado neste processo, e na necessidade de uma comunicação que represente seus destinatários, o autor afirma que a verdadeira comunicação não começa falando, mas escutando. Por isso a principal condição do bom comunicador é saber escutar. Escutar e conhecer os signos compartilhados pela comunidade para poder colaborar com o seu desenvolvimento coletivo, que é circular e permanente. No limite da sua utopia, o modelo ideal prescindiria do comunicador/facilitador, transformando o processo de comunicação em um ciclo bidirecional permanente de intercâmbio de mensagens entre os Emirecs conscientes do direito de serem alternadamente emissores e receptores.

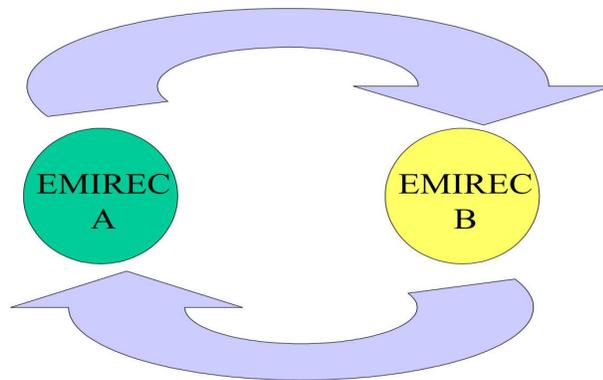


Fig. 4 - Modelo de comunicação dialógica

Em sua experiência prática, Mário Kaplún cunhou o neologismo Educomunicador, para designar um tipo diferenciado de profissional capaz de articular seus conhecimentos no desenvolvimento de trabalhos nos dois campos (educação e comunicação), vislumbrando uma interdependência cada vez mais acentuada entre elas na sociedade contemporânea. No entanto, só recentemente, a partir das experiências de Freire, Mario Kaplún e de outras práticas educomunicativas, é que o conceito de educomunicação ganhou relevância. Atualmente, há grupos de cientistas que defendem inclusive que ela pode se caracterizar como um novo campo de conhecimento que seria definido como:

O conjunto das ações voltadas para a criação de ecossistemas comunicativos abertos e criativos em espaços educativos, favorecedores tanto de relações dialógicas entre pessoas e grupos humanos como de uma apropriação criativa



dos recursos da informação nos processos de produção da cultura e da difusão do conhecimento. O novo campo apresenta-se como interdiscursivo, interdisciplinar e mediado pelas tecnologias da informação. (SOARES, I. 2003 pág. 91)

Constata-se, portanto, que o campo da Educomunicação consiste na sistematização científica de experiências práticas que vem ocorrendo no universo dos movimentos sociais e do denominado Terceiro Setor à décadas. Com efeito, podemos fazer uma analogia deste processo com as próprias transformações que marcam um período de transição entre a modernidade e uma pós-modernidade ainda em construção, que inspira a desesperança, mas também o ressurgimento de projetos utópicos (SANTOS, 2000).

A educomunicação e a educação a distância

O conceito de educomunicação tem sido discutido por profissionais da educação a distância principalmente após o surgimento das comunidades virtuais de aprendizagem e da propagação da educação a distância mediada por computador.

É nas comunidades virtuais, onde se encontra “um ideal de relação humana desterritorializada, transversal, livre” (LÉVY, 1993, p.130) que a educação e a comunicação dialógica se encontram para manifestar sua força em nosso século. A consolidação de um paradigma cooperativo do conhecimento só é possível através do diálogo, da comunicação, da interlocução cognitiva. Este fenômeno mundial, resultado do processo tecnológico de interligação por meio do ciberespaço, foi denominado por Pierre Lévy de Inteligência Coletiva (1998). Trata-se de uma ampliação do potencial cognitivo dos seres humanos através das NTIC, que desempenham um papel de co-estruturadoras das novas formas de aprender e de conhecer no mundo. Na perspectiva otimista desta integração da inteligência em rede mundial Lévy pondera que

[...] se nos engajássemos na via da inteligência coletiva, progressivamente inventaríamos as técnicas, os sistemas de signos, as formas de organização social e de regulação que nos permitiriam pensar em conjunto, concentrar nossas forças intelectuais e espirituais, multiplicar nossas imaginações e experiências, negociar em tempo real e em todas as escalas as soluções práticas aos complexos problemas que estão diante de nós (1998, p. 17).



Ao definir esta comunicação, Freire define a forma de mediatização que a caracteriza e que impede que um sujeito pense sozinho. Para ele é impossível “pensar sem co-participação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto” (1988, p. 66). Ele substitui o *penso, logo existo* pelo *pensamos, logo transformamos a nossa existência*. Nesse contexto, o objeto é o mediatizador da comunicação, e não a manifestação final do pensamento de um indivíduo. “Por isso não é possível compreender o pensamento fora de sua dupla função: cognoscitiva e comunicativa” (FREIRE, 1988, pág. 67).

O que se pretende com o diálogo, em qualquer hipótese (seja em torno de um conhecimento científico e técnico, seja de um conhecimento “experencial”), é a problematização do próprio conhecimento em sua indiscutível relação com a realidade concreta na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la. (FREIRE, 1988, pág. 52)

Lévy também percebe esta dimensão ontológica da comunicação e o caráter mediático da linguagem no processo de produção coletiva do conhecimento no ciberespaço:

O problema da inteligência coletiva é descobrir ou inventar um além da escrita, um além da linguagem tal que o tratamento da informação seja distribuído e coordenado por toda a parte, que não seja mais o apanágio de órgãos sociais separados, mas se integre naturalmente, pelo contrário, a todas as atividades humanas, volte às mãos de cada um. (LÉVY, 1998, pág. 17)

Paulo Freire, através de sua “educação como prática da liberdade” (1987, p. 77), entende que “o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações” (1988, pág. 36), o que ocorre através do diálogo que é “o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o “pronunciam”, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos” (1988, p. 43). O que Lévy pretende que seja resolvido com a Inteligência Coletiva através das comunidades de aprendizagem do ciberespaço, Freire quer que os indivíduos resolvam no âmbito de suas comunidades populares locais e das práticas educacionais por meio do diálogo, portanto de práticas educomunicativas.

Referências bibliográficas

BORTOLIERO, Simone. **Kaplún, educador biografia de um visionário**. Artigo in Educomídia. Alavanca da cidadania: o legado utópico de Mário Kaplún. MELO, José Marques de et al (orgs). São Paulo. Cátedra UNESCO, Universidade Metodista de São Paulo, 2006.



CLOUTIER, Jean. **La Communication Audio-éscripto-visuelle à L'heure des Self-media**. Presse de l'Université de Montreal, 1973.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo. Moraes, 1980.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

_____. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

GUTIÉRREZ, Francisco. Internet, comunicação e sociedade. Problemas, desafios e perspectivas. In MELO, José Marques de et al (orgs). **Educomídia**. Alavanca da cidadania: o legado utópico de Mário Kaplún. São Paulo. Cátedra UNESCO, Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

KAPLÚN, Gabriel. **Kaplún, intelectual orgânico. Memória afetiva**. Artigo in Educomídia. Alavanca da cidadania: o legado utópico de Mário Kaplún. MELO, José Marques de et al (orgs). Cátedra UNESCO, Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

KAPLÚN, Mario. **El comunicador popular**. 3ª ed. Buenos Aires: Lumen-humanitas, 1996.

_____. De medios y de fines en comunicación educativa. **Revista Chasqui**. Quito, v.58, 1997.

_____. **A la educación por la comunicación: la práctica de la comunicación educativa**. UNESCO/Orealc. Chile, 1992.

LÉVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1998.

_____. As tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: 34, 1993.

LIMA, Venício A. de. **Mídia: Teoria e Política**. São Paulo, SP: Editora Fundação Perseu Abramo, 2ª ed., 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. Globalização comunicacional e transformação cultural. In MORAES, D. (org.). **Por outra comunicação**. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 57-86.

MARTINI, Rafael G.. **Gestão Comunitária de Comunicação – Estudo de Caso do IDA/CEFLURIS**. Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo. Unisinos, São Leopoldo; 2005.

_____. Gestão Comunitária de Comunicação. In **UNIrevista**, Vol. 01 n°02 (jul. de 2006). Disponível em http://www.unirevista.unisinos.br/pdf/UNIrev_Martini.PDF. Acessado em 15/10/2007.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática**. V.1. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.

SARTORI, Ademilde S.. SOARES, Maria S. P.. **Concepção dialógica e as NTICs: A educomunicação e os ecossistemas comunicativos**. V Colóquio Internacional Paulo Freire. Recife, setembro 2005.



_____, MARTINI, Rafael Gué. **Educomunicação em Comunidades de Aprendizagem: Aproximação entre Comunicação Popular e Educação On-line.** Intercom. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos, setembro de 2007a.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. Comunicação e Educação**, São Paulo, v. 23, p. 16-25, jan./abr. 2002.

_____. **EAD como prática educacional:** emoção e racionalidade operativa. Artigo in Educação Online: teorias, práticas, legislação e formação corporativa.

_____. **A Formação do educador:** 15 anos na busca de uma mais profunda relação entre o profissional da comunicação/educação e o mundo das crianças e dos adolescentes. NCE - Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP – Intercom 2005. pág. 14.

_____. **Educom.Rádio, na trilha de Mário Kaplún.** Artigo in Educomídia. Alavanca da cidadania: o legado utópico de Mário Kaplún. MELO, José Marques de et al (orgs). Cátedra UNESCO, Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

SOARES, Raquel Paiva Araújo. **A mídia como educadora coletiva: cidadania ou apatia?** Artigo in Educomídia. Alavanca da cidadania: o legado utópico de Mário Kaplún. MELO, José Marques de et al (orgs). Cátedra UNESCO, Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

URIBE, Esmeralda Villegas. **Kaplún radio apaixonado: fortalecendo o pragmatismo utópico.** Artigo in Educomídia. Alavanca da cidadania: o legado utópico de Mário Kaplún. MELO, José Marques de et al (orgs). Cátedra UNESCO, Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

VIZER, Eduardo A. **La Trama (in)visible de la vida social: comunicación, sentido y realidad.** Buenos Aires: La Corujía, 2003.

WANDERLEY, Luiz Eduardo. **Movimentos de Educação Popular nos Tempos do Rádio.** Artigo in Educomídia. Alavanca da cidadania: o legado utópico de Mário Kaplún. MELO, José Marques de et al (orgs). Cátedra UNESCO, Universidade Metodista de São Paulo, 2006.